



# A ARQUITETURA DA IMIGRAÇÃO RENANA NO RIO GRANDE DO SUL

*Arq. Günter Weimer<sup>1</sup>*

<sup>1</sup>Arquiteto pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRGS, em 1963; especialista em Desenho Industrial pela Hochschule für Gestaltung de Ulm / Alemanha, em 1967; mestre em História da Cultura pela PUCRS, em 1981; doutor em arquitetura pela FAU-USP, em 1990. Coordenador do Departamento de Teoria e História da FAU-PUCRS.

## Introdução

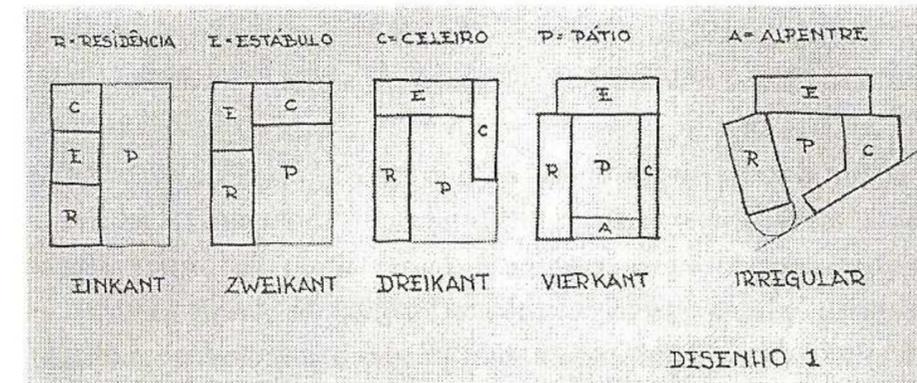
Quando publicamos o livro *Arquitetura da Imigração Alemã*<sup>2</sup>, dispúnhamos de escassa bibliografia sobre a arquitetura rural da Renânia. Os poucos dados disponíveis nos levaram a cometer alguns equívocos sobre a história destas construções e, por conseqüência, a interpretações imprecisas sobre sua adaptação ao meio rural gaúcho. Agora, com a obtenção de novas fontes - dentre as quais devem ser destacadas as obras de Eduard Ernst BIERAU<sup>3</sup> e Heinrich MEHL<sup>4</sup> - foi possível rever os equívocos cometidos e reinterpretar os levantamentos realizados. Esta revisão se constitui no objeto da presente publicação.

## Características da arquitetura renana

No corpo da referida publicação, procurou-se mostrar que a arquitetura do Hunsrück não teve um grande desenvolvimento devido ao excessivo parcelamento da terra que levou à formação do que foi chamado de "microfúndios". A depauperação econômica da média Renânia fez com que o potencial interno das construções fosse explorado ao máximo e o clima mais ameno do que o do resto da Alemanha permitiu que todo o trabalho possível de ser feito ao ar livre, fosse realizado fora de casa. Assim, o espaço aberto assumiu uma grande importância dentro da composição arquitetônica.

Comumente, a utilização do espaço aberto era um pátio ao lado da casa. Este era tão importante que passou a ser o parâmetro básico em torno do qual se definiam os partidos gerais característicos da região: o *Einkant*, *Zweikant*, *Dreikant* e *Vierkant*, ou seja, o partido ocupando um, dois, três ou quatro lados deste pátio. A par dos convencionais de pátios, não se pode omitir a existência de partidos arquitetônicos abertos, dos assim chamados pátios irregulares (*Punkthof* ou *Haufenhof*), conforme representado no desenho 1. A liberdade de ordenação das diversas funções nesta organização pode ser colocada na conta da escassez da terra e do relevo da região. O emprego dos partidos convencionais pressupõe a existência de terrenos planos ou, pelo menos, pouco acidentados. Quando o terreno não apresentava estas condições, a solução era partir para formas livres que mais bem se adaptavam à topografia. No

entanto, há casos em que a irregularidade pode ser encontrada em terrenos planos ou quase. Esta solução deve ter sido uma conseqüência do uso anterior deste tipo de solução que acabou por se constituir numa tipologia específica e que deve ter recebido boa acolhida na população.



De um modo geral verifica-se que esta sociedade era propensa ao emprego de formas mais livres e pitorescas. Este fator viria a se potencializar ainda mais quando os colonos chegaram ao Rio Grande do Sul onde puderam gozar de uma liberdade inimaginável para as rígidas regras imperantes na sua terra de origem.

Dentre estes tipos, não houve nenhum que se impusesse aos demais. Se é verdade que em determinadas aldeias houve uma acentuada preferência por um ou outro tipo, também é verdade que dificilmente se encontrava uma aldeia em que todos os tipos não estivessem representados. A região como um todo apresentava uma ligeira preferência pelo *Zweikant*. Como amostragem deste fato podemos tomar o levantamento realizado por SCHNEIDER que encontrou a seguinte distribuição em seis aldeias do Palatinado, nos anos de 1839 a 1849<sup>5</sup>.

tipo	número de sítios	percentual
<i>Einkant</i>	28	16,8
<i>Zweikant</i>	52	31,1
<i>Dreikant</i>	28	16,8
<i>Vierkant</i>	8	4,8
Irregular	51	30,5
Total	167	100,0

<sup>5</sup> SCHNEIDER, Heinrich. *Das Baugesicht in sechs Dörfern der Pfalz. Eine geographische Untersuchung zum Gestaltungsfunktionswandel der Gebäude unter Einfluss der Wirtschaftlichen Entwicklung seit dem Anfang des 19. Jahrhunderts.* Marburg/Lahn, Geographisches Institut der Universität Marburg, 1971, p. 49.

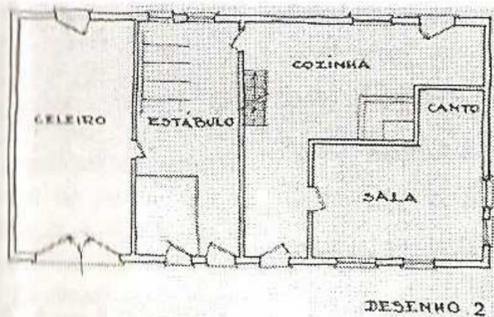
<sup>1</sup> *Arquitetura da imigração alemã: um estudo sobre a adaptação da arquitetura rural centro-européia ao meio rural do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre/São Paulo, EdUFRGS/Nobel, 1983, 296p. il.

<sup>2</sup> BIERAU, Eduard E. *Das Bauernhaus des Hunsrücks und Hochwaldes: Bauernhausformen zwischen Mosel, Nahe und Rhein*, Selbstverlag, Berncastel-Cues, 1933, 77p. + 10 tabelas.

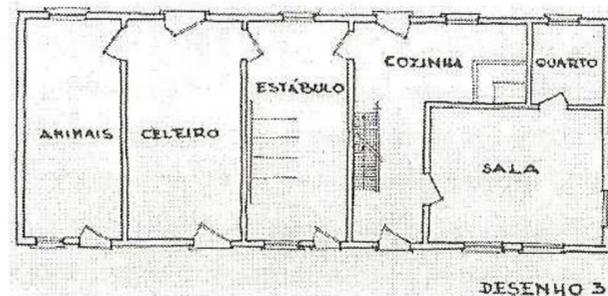
<sup>3</sup> MEHL, Heinrich. *Das Bauernhaus in Baden, Württemberg und der Rheinpfalz*, Th. Schäfer, 1990, 91 p.

Normalmente, as casas germânicas eram divididas em três partes: a moradia, o estábulo e o celeiro. No Hunsrück estas três partes estavam incorporadas sob um só teto. Até hoje persiste a dúvida sobre a forma original desta ordenação. A explicação que parece ser a mais lógica foi apresentada por BIERAU. Para este autor, estas partes estavam constituídas originalmente em três edificações isoladas. Ao longo do tempo, a experiência teria demonstrado a conveniência de abrigar o gado sob um anexo junto à cozinha para que o calor proveniente do aquecimento da casa, transmitido pela parede divisória, ajudasse a aquecê-lo. Em tempos bem mais recentes teriam-se descobertas as vantagens de anexar o celeiro à construção anterior, jusante ao estábulo, visto que passaria a desempenhar a função de isolante térmico da parede externa.

As necessidades econômicas levaram a que não só se anexasse sob um só telhado as diversas funções da casa mas também que se procurassem soluções que reduziram as paredes externas às menores dimensões possíveis. Esse autor pensa ter encontrado a planta baixa mais simples numa casa isolada em Lindenscheid. O acesso à casa se dava através de um relativamente largo corredor que desembocava na cozinha. A seu lado se encontrava a sala de convivência com um "canto de dormir" que seria a forma primitiva de uma alcova. Ao fim do corredor, junto à cozinha, encontrava-se uma escada íngreme que conduzia ao sótão e outra, ao porão, conforme pode ser visto no desenho 2.



DESENHO 2

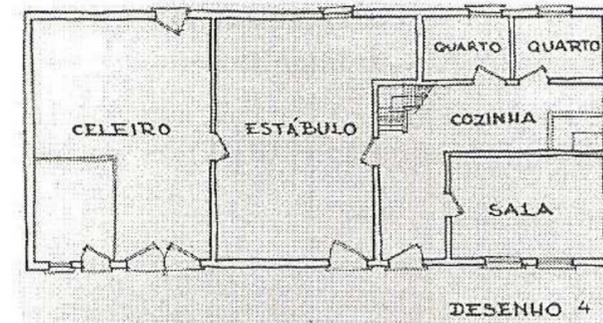


DESENHO 3

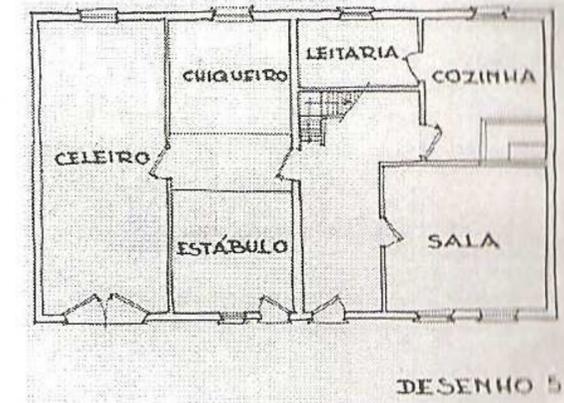
Uma forma mais evoluída deste partido seria aquela em que o "canto de dormir" era transformado em alcova separada da sala por meio de um tabique. Este partido era bem mais comum e em alguns exemplares foi encontrado um forno de pão anexo à cozinha, conforme desenho 3.

Um terceiro estágio de evolução deste partido seria aquele

em que, junto à cozinha, fossem construídos um ou dois quartos, conforme desenho 4.



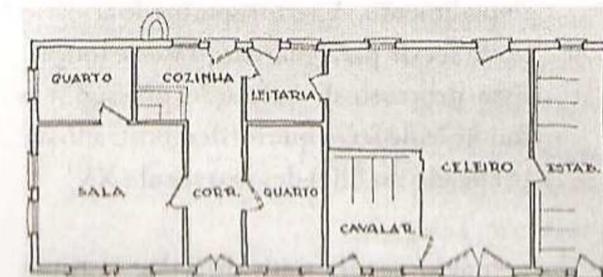
DESENHO 4



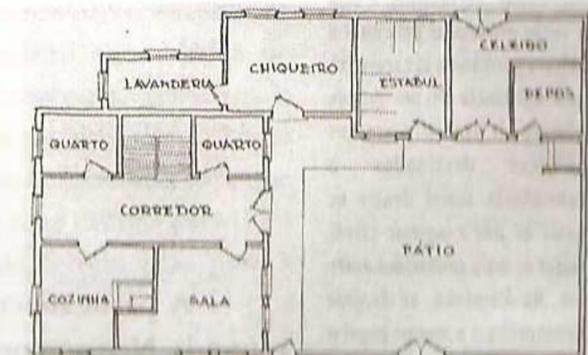
DESENHO 5

Por vezes, um destes quartos podia ser transformado em oficina ou atelier posto que quase todos os colonos exerciam uma atividade artesanal junto à agricultura, praticada no período de entressafas. Uma variante que pode ser interpretada como uma conciliação entre os dois tipos anteriores, seria aquela que apresentaria um quarto ou uma lareira junto à cozinha, conforme desenho 5.

Esses tipos básicos admitem variantes dependentes das atividades artesanais e das posses dos proprietários. Um caso típico é um sítio em Woppenroth, conforme desenho 6. Sua planta baixa segue o esquema da casa 3 que foi acrescida de uma leitaria em sua passagem para o estábulo e junto ao corredor da entrada foi acrescido um quarto. A utilização do último era muito variável. Esta variabilidade era conseguida com a substituição da janela por uma porta ou a introdução de uma porta ao lado da janela. Assim este espaço podia ser transformado num escritório, numa sala de audiências para o juiz da aldeia ou numa pequena loja comercial.



DESENHO 6



DESENHO 7

BIERAU assinala que, embora a organização da casa possa apresentar uma certa flexibilidade, a rigidez do esquema seqüencial da ordenação casa-estábulo-celeiro admitia poucas variantes. A planta do sítio de Alterkülz, representada no desenho 7 deve ser encarado como o máximo de liberdade admitida.

Sobre a utilização interna da casa, GEBHARD<sup>6</sup> faz a seguinte observação:

De especial significado, na Renânia, é a evolução da sala de convivência<sup>7</sup> (*Stube*). Constatase que, na casa rural renana, o local de estar preferido é a cozinha. Isto lembra as condições de vida da Europa Ocidental. A sala de convivência não tem calefação por estufa, pois só é aquecida por uma chapa de ferro colocada sobre o fogão da cozinha, a chamada *Takenplatte*... O fogão é, geralmente, construído de alvenaria, na altura de uma mesa. Sobre ele há uma coifa que, em sua forma usual, se estrangula em direção à chaminé. A parede divisória entre a cozinha e a sala de convivência - a parede do fogo (*Feuerwand*) - é de pedra natural. Atrás do fogo, a parede tem uma espécie de nicho onde está embutida a chapa de ferro, a *Takenplatte*. No lado da sala, a chapa encontra-se numa espécie de armário de parede, o chamado *Takenschränk*. Este está aberto, na parte inferior, onde há uma grade, para que o calor possa ser transmitido sem impedimento. A parte superior do armário pode servir para guardar pratos e louças. Este processo de calefação pressupõe a fundição de ferro que foi demonstrado ser praticado no Eifel desde o século XV.

A parte superior do armário servia para guardar comida aquecida. Nem sempre a pobreza permitia a construção de chaminés. É o que se depreende de um relato sobre Eisenbach, de 1789, transcrito por GEBHARD<sup>8</sup>:

<sup>6</sup> GEBHARD, Torsten. *Alte Bauernhäuser. Von den Halligen bis zu den Alpen*, Munique, Callwey, 1979, p.55.

<sup>7</sup> Foi utilizado o designativo de *sala de convivência* como tradução da palavra *Stube* por suas especificidades. Intencionalmente, não traduzida por *sala de estar* posto que este designativo recebeu outras conotações ao ser empregado em nosso país. Na cultura germânica, a *Stube* é o lugar da família e que permanece fechado para pessoas que não pertencem ao círculo familiar. Ser convidado para entrar na *Stube* de outrém pressupõe a existência de grande intimidade. Certamente, é esta a razão primordial pela qual a cultura germânica se caracteriza pela existência de um grande número de clubes e espaços públicos destinados à convivência social dentre os quais os *pub's* ingleses talvez sejam os mais conhecidos entre nós. Na Alemanha, as *Kneipen* desempenham o mesmo papel o que viria a ser, em certa medida, substituída pela *venda* nas colônias teuto-riograndenses.

<sup>8</sup> Idem, ibidem, p. 52.

A maior parte das casas não tem chaminé que ultrapassa o telhado, nem mesmo uma coifa, mas simplesmente uma abertura por sobre o fogão através da qual a fumaça sobe para o sótão, onde se espalha e é expelida pelas aberturas e frestas.

Foram os francos que começaram a utilizar os quartos na Europa Central. Seu uso, porém, inicialmente deve ter-se restringido às casas ricas. Entre os pobres, o espaço dentro da casa era limitado e permitia colocar apenas uma cama para os pais, na sala. Um relato da metade do século passado diz<sup>9</sup>:

Nas famílias pobres há muita necessidade, as numerosas crianças dormem num quarto no sótão ou no chão duro, sem estrado. Onde falta o espaço para colocar uma cama, há um substituto, o banco-cama (*Bettbank*), o ordinário canapé dos colonos. O banco-cama contém, durante o dia, o colchão, largo e pesado, de tal forma que, para entrar nele, quase se necessita de uma escada.

Estes agricultores eram também artesãos. Portanto, seria necessário que eles tivessem um local para instalar suas oficinas. Isto nem sempre era fácil:

Ao lado da residência existia um pequeno compartimento, o *Vorbehalthaus*, onde moravam avós depois de terem passado os bens para os filhos ou parentes solteiros idosos; servia também para oficina de construtores de carroças, ferreiros e semelhantes ou aí o colono tinha sua banca de carpinteiro com ferramentas para que pudesse construir uma casinha para si ou para preparar suas ferramentas para a agricultura.<sup>10</sup>

Outra característica peculiar das casas da região era a existência de porões. Estes tinham um só espaço e eram, por vezes, semi-

<sup>9</sup> Idem, ibidem, p. 56.

<sup>10</sup> Idem, ibidem, p. 55.

enterrados. Tinham um pé-direito muito baixo, tanto que, na literatura técnica, são designados como sendo de “meio-piso”. Ocupavam só parte da projeção da construção. Plasticamente, as sólidas paredes de pedra, levemente salientas sobre o plano das paredes de enxaimel, conferiam às construções uma espécie de pedestal para a estrutura de madeira. O porão servia como depósito de batatas<sup>11</sup>.

Originalmente, a cobertura destas casas era de palha, como de resto, em toda a Alemanha. Ao longo do Mosele, a partir de 1515, foi proibida a construção desses telhados<sup>12</sup>, no que houve muita resistência, porque a palha é ótimo isolante térmico. A partir de então, passou-se a usar telhas de ardósia (*Schiefer*) que, paulatinamente, foram sendo aplicados nos frontões e, mais tarde, em paredes inteiras<sup>13</sup>.

Convém aqui referir um detalhe construtivo que se tornará importante na arquitetura do Rio Grande do Sul. No Palatinado, cultivava-se o tabaco e, para secá-lo, as folhas eram penduradas ao ar livre, sob pequenos telheiros que eram construídos sobre os frontões, os chamados *Klebedächlein*. Às vezes havia um só destes telheiros, mas podia haver dois ou três superpostos em cada frontão<sup>14</sup>, dependendo da quantidade de tabaco plantado

### Os renanos no Rio Grande do Sul

Os dados levantados acima apresentados referem-se exclusivamente à região conhecida como *Hunsrück* que corresponde a uma estreita faixa de terra localizada entre o Mosele e o Nahe, tendo por limites a divisa com a França, pelo lado ocidental e o Reno, pelo oriental. Quando nos defrontamos com o problema da imigração dos francos para o Rio Grande do Sul, esta precisão se desvanece e se torna difusa. Os imigrantes provenientes desta região foram numericamente majoritários. Porém, nem todos aqueles que são qualificados como tais e a si mesmo se reconhecem como sendo desta origem, na realidade o eram. Em primeiro lugar, não temos uma avaliação precisa sobre a origem dos assim denominado “*Hunsrücker*”. A aproximação mais confiável que foi possível obter foi o levantamento que WOLF<sup>15</sup> realizou na paróquia de São Leopoldo. Dentre os registros eclesiásticos levantados pode ser

<sup>11</sup> SCHELLACH, Gustav. *Hunsrücker Bauernhaus. Hunsrücker Heimatsblätter*, Simmern, Mengerschied, nº 20, p. 364, 1969.

<sup>12</sup> GEBHART, T. Opus cit. p. 184.

<sup>13</sup> Idem, *ibidem*, p. 77; KLÖCKNER, Karl. *Alte Fachwerkbauten*, München, Callway, 1974; KELLER, Christian. *Entsehung der Dörfer im Hoch- und Idarwald*. In: *Jahrbuch 1973, Blätter für Mosel, Hochwald und Hunsrück, Zeltingen / Mosel*, Hunsrückerverein, 1973; Phleps Hermann. *Deutsche Fachwerkbauten. Königsteil/Taunus*, Karl R. Langewiesch, 1962.

<sup>14</sup> THIEDE, Klaus, p. 56; GEBHARD, Tosten, p.56.

<sup>15</sup> WOLF, Wilhelm. *Deutsche Einwanderer in São Leopoldo, 1824-1937*. Neustadt an der Aisch, Degener, 1964.

verificado que dentre os 3.393 imigrantes dos quais é conhecida a origem exata do local de nascimento, 2016 eram francos (6 da Alsácia e Lorena, 11 da Francônia, 228 do Hesse, 28 da Renânia, 1639 da Renânia-Palatinado e 104 do Saar). Noutros termos isto significa que redondamente 60% dos imigrantes evangélicos de São Leopoldo se constituíam de francos e dentre os últimos, virtualmente 80% eram do *Hunsrück* propriamente dito. Portanto, cerca de 20% dentre aqueles que se tornaram conhecidos como *Hunsrücker*, na realidade não o eram. Esta é a razão pela qual adotamos o qualificativo de “renanos” para a imigração dos francos e não de “*Hunsrücker*”.

Obviamente, esses dados são muito limitados e não nos permitem fazer uma avaliação efetiva do percentual de francos imigrados para o Estado, nem para as regiões pesquisadas. Discutir as avaliações realizadas pelos diversos autores que trataram da matéria não tem sentido posto que as mesmas são muito genéricas e as contradições numéricas não são desprezíveis. Quando muito, pode-se dizer que a única concordância encontrada se resume no fato de que todos avaliam a imigração de renanos como majoritária.

O fato de o termo ter se tornado mais elástico entre nós, traz algumas conseqüências não desprezíveis. Conforme foi demonstrado em tese recente de ALTENHOFER<sup>16</sup>, a região do Reno tem uma cultura muito diversificada apesar de suas limitações geográficas: pelo fato de ser uma área estreita situada exatamente entre os limites austrais da Baixa Alemanha e setentrionais da Alta Alemanha, as influências destas duas áreas sobre a Renânia se fizeram sentir de forma descontínua. A fronteira sul foi profundamente influenciada pela cultura alamânica enquanto a fronteira norte absorveu boa parte dos modos de vida da cultura saxônica. Se ALTENHOFER demonstrou que as diferenças dialetais são marcantes no sentido norte-sul, nada indica que na área cultural em geral e nos procedimentos construtivos, no particular, não tenha acontecido algo semelhante. Isto não são simples conjecturas. Os dados levantados nas obras arquitetônicas demonstraram exatamente este fato para o qual não tínhamos explicação: enquanto a arquitetura dos vestfalianos bem como a dos pomeranos apresentavam uma unidade notável, o mesmo não acontecia com a dos renanos. Na falta de uma explicação mais convincente, atribuímos a variabilidade das soluções arquitetônicas à propalada criatividade dos arquitetos renanos.

<sup>16</sup> ALTENHOFER, Cleo Vilson. *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul*. Stuttgart, Franz Steiner Verlag, 1995.

Aliás, era exatamente a diversidade plástica das aldeias renanas que era apontada pelos autores consultados como sendo a mais notável de suas características.

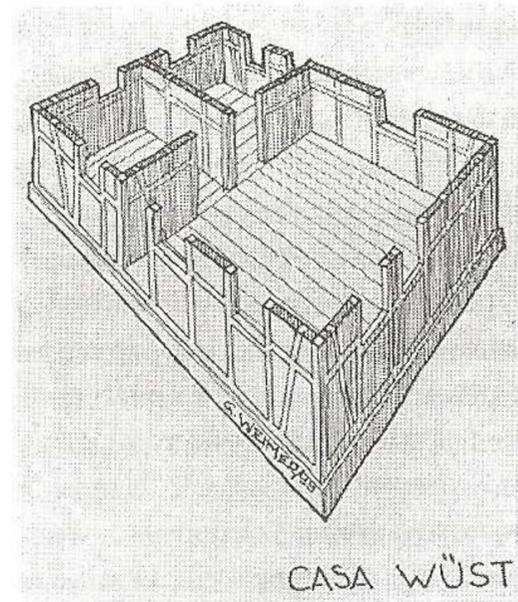
### A arquitetura renana do Rio Grande do Sul

Em nosso livro sobre a *Arquitetura da Imigração Alemã* publicamos um cuidadoso levantamento das casas inventariadas. Os dados objetivos podem ser conferidos naquela publicação em razão do que não pretendemos aqui tornar a publicar os mesmos dados. Porém, para podermos fundamentar o nosso raciocínio, faremos uma sintética apreciação dos dados que interessam para o contexto deste trabalho.

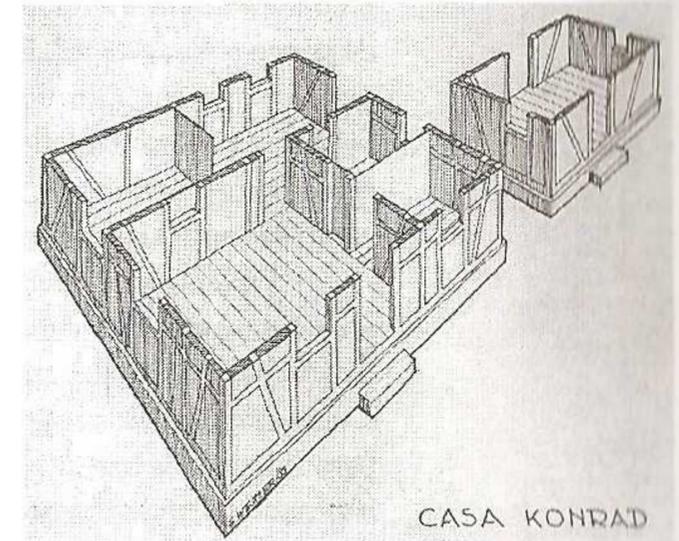
A hoje já desaparecida *casa Wüst* era tida como a mais antiga construção da Picada São Jacó (*Schneidertal*), em Sapiranga. À época do levantamento, ela já estava em condições bastante precárias e estava totalmente isolada, sem benfeitorias e sem mobiliário excetuando um fogão de chapa. Tinha 72 m<sup>2</sup> e se compunha de uma sala de pouco mais de 35 m<sup>2</sup> e dois quartos virtualmente iguais. Toda a construção era de enxaimel, porém, as paredes externas eram de alvenaria de tijolos rejuntados com argamassa de barro, enquanto as internas eram de taipa de sopapo.

Funcionalmente ela apresenta uma peculiaridade: a porta dos fundos não ficava na sala mas num dos quartos. Por um raciocínio funcionalista, seria de esperar que a escada que levava ao sótão (onde eram armazenados os cereais colhidos) deveria estar localizado neste quarto para facilitar o transporte. Tal, no entanto, não aconteceu. Ela estava implantada no quarto que não dava acesso ao exterior.

A existência de um fogão na sala indica duas coisas distintas: em primeiro lugar, que este sítio não deve ter tido uma cozinha separada, como era a regra geral da arquitetura imigrantista e, em segundo lugar, enfatiza o procedimento da vivência e convivência da família ao redor do fogão que neste caso, excepcionalmente, diga-se de passagem, foi a sala que, via de regra, servia apenas para o uso noturno e para os acontecimentos sociais.



CASA WÜST



CASA KONRAD

Na Picada São Jacó, também levantamos a *casa Konrad* que já apresenta a dualidade “casa-cozinha”. A última ainda apresentava a forma original abstraindo o fato de que as alvenarias de taipa terem sido substituídas por outra de tijolos e as tabuinhas da cobertura, por telhas cerâmicas. Esta foi a menos cozinha que levantamos e tinha menos de 20 m<sup>2</sup>. O espaço interno era unitário com um agenciamento em duas áreas distintas, a do comedor do lado da “casa” e da cocção, pelo lado oposto. Não havia parede divisória entre as duas áreas e o mobiliário era o mais simples.

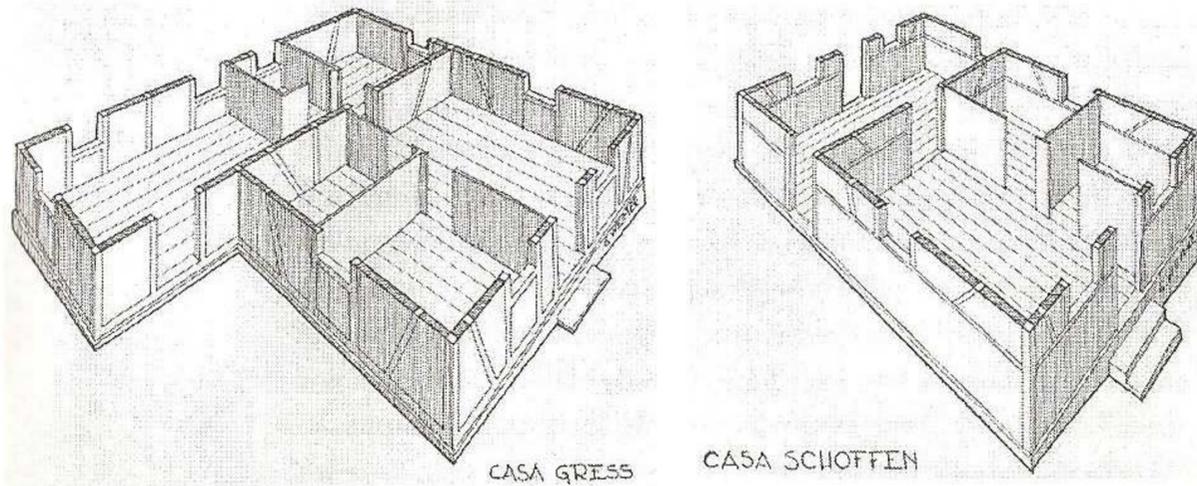
Cerca de dois metros da “cozinha” ficava a “casa” que foi objeto de diversas reformas e duas ampliações. Originalmente a “casa” se compunha de uma sala de 28 m<sup>2</sup> que se conectava com dois pequenos quartos, de 7 e 9 m<sup>2</sup>. No maior havia uma íngreme escada que levava ao sótão. Tudo indica que originalmente, a vedação foi feita de taipa, porém, nas paredes externas, ela foi substituída por alvenaria de tijolos. Em época mais recente, foi feita uma ampliação pelo lado da empena dos fundos o que facultou a criação de mais um quarto e uma sala de atividades múltiplas, ocasião em que também foi feita abertura de uma porta deste último espaço para o quarto maior, o que facilitou o acesso ao sótão onde eram guardados os cereais colhidos. Nesta versão está apresentado o desenho anexo. Em época ainda mais recente foi feita outra ampliação junto à porta que dá para a “cozinha” que não foi representada.

Ainda na mesma picada foi levantada a *casa Gress* que é bem

menor que as anteriores: a área construída em sua forma original era de pouco mais de 28 m<sup>2</sup>. Era dividida em uma sala de apenas 12 m<sup>2</sup>, que conectavam com dois quartos de área sensivelmente igual divididos por um tabique que foi removido formando então um quarto de solteiro de menos de 5 m<sup>2</sup> e outro, de casal, de 7 m<sup>2</sup>. A separação entre os quartos e a sala também é de tabique de madeira.

Em época mais recente, pelo lado da empena dos fundos foi feita uma ampliação que permitiu a anexação da “cozinha” ao corpo da “casa” e a criação de mais um quarto que à época do levantamento servia de quarto de costura. Em fase mais recente, foi removida a parede lateral da “cozinha” a fim de permitir a ampliação da mesma e a criação de mais um pequeno espaço destinada a depósito. Com estas ampliações, a área construída foi aumentada em 40 m<sup>2</sup> dos quais 22 m<sup>2</sup> eram destinados à cozinha.

Com as duas ampliações, a planta assumiu a forma de “L”, permitindo que o telhado fosse ampliado com um puxado junto ao qual foi construído um forno de pão. O desenho a seguir reproduz em sua forma final. Cumpre assinalar que a “cozinha” estava zoneada em duas áreas nas quais a mais próxima à “casa” estava o comedor e na parte mais afastada, a zona de cocção.



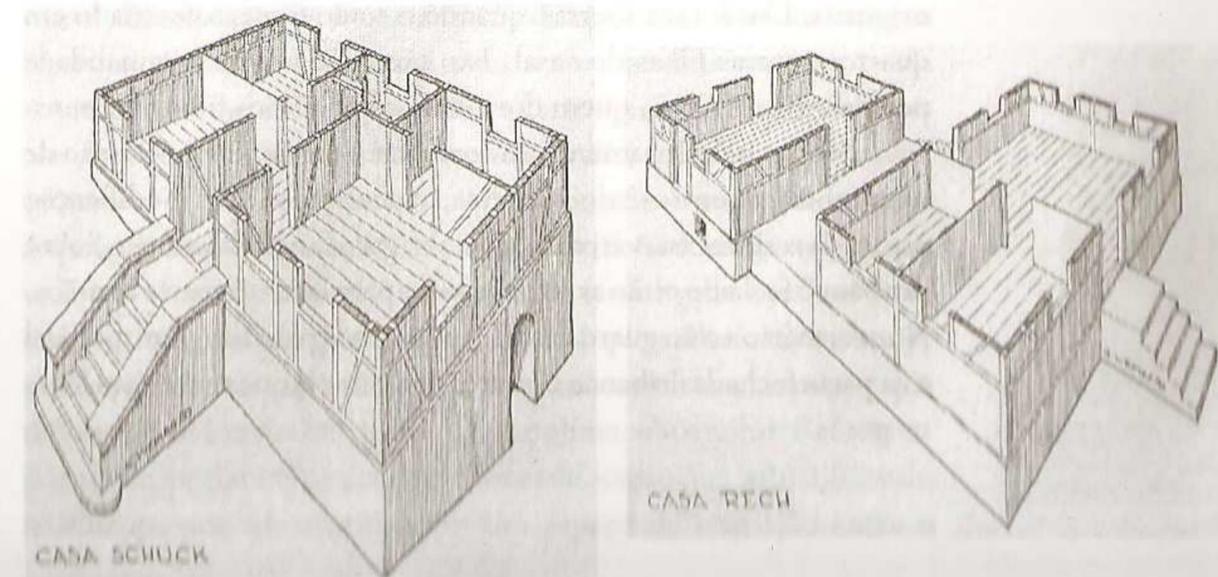
Localizada na vila de Tupandi, foi levantada a **casa Schoffen**. Trata-se da menor residência levantada, com seus 40 m<sup>2</sup> de área construída, dos quais 28 m<sup>2</sup> se destinam à “casa” e os restantes, à “cozinha”. Ao contrário das anteriores, embora a “cozinha se diferencie plasticamente da “casa”, tudo indica que ambas foram

construídas ao mesmo tempo. Isto indica que a construção deve ter sido realizada em inícios deste século, quando já eram produzidas as chapas de ferro para fogões.

A “casa” se compõe de uma sala e está separada de dois quartos, respectivamente de 6,5 e 4,5 m<sup>2</sup>, por meio de tabique. A “cozinha” está zoneada em dois espaços bem diferenciados, no comedor e na área de cocção.

Segundo a tradição, a **casa Schuck** seria a mais antiga da Picada Verão (*Sommerschneis*), perto de Dois Irmãos. Foi construída em 1868 por Christoph Schuck que era natural de Holzbach, no Hunsrück. Esta se diferencia das demais por possuir um avantajado porão e pela distribuição em planta baixa. Embora existam no terreno locais relativamente planos, o local escolhido para erguer a casa foi de acentuada inclinação. A escolha de local de acentuado desnível, portanto, foi proposital e serviu para o propósito de permitir a implantação de um porão com um pé-direito de mais de 2m. Suas paredes tinham cerca da 60 cm de espessura.

Em planta ela tinha quase 62m<sup>2</sup> de área construída (duplicada pela existência do porão). O desnível exigiu a construção de uma escada de consideráveis dimensões e realizada em pedra grés de primoroso acabamento. Esta escada dava acesso a um longo vestibulo que se alarga na extremidade oposta dando lugar a uma cozinha interna provida de um fogão de chapa sobre a qual existia uma coifa. Num dos lados do vestibulo havia dois quartos quase iguais e de cerca de 9 m<sup>2</sup>. Pelo outro lado, havia uma sala de cerca 18 m<sup>2</sup> que dava para um pequeno quarto, correspondente ao alargamento para a instalação da cozinha, de cerca de 6 m<sup>2</sup>.



A casa Rech situa-se próximo à sede do município de São Salvador. Nela chama atenção o fato de que a “cozinha” se encontra muito próxima à “casa”, de modo que o espaço entre as duas construções pode ser coberto por um telhado de zinco. O proprietário informou que esta não era sua posição original: em tempos remotos ela fora destelhada e tiradas as vedações dos tramos. Reduzida a sua estrutura de madeira, ela teria sido girada em movimentos contínuos até sua posição atual quando, então, teria sido reconstruída como originalmente. Com seus 24m<sup>2</sup> de área construída e 2,55m de pé-direito, se caracterizava por não apresentar baldrame sobre as fundações, fazendo com a amarração inferior era feita por “peitoris” contínuos. Além disto, apresentava três portas quando o comum era a existência de apenas duas. A divisão interna feita em tabique de madeira, separa a cozinha do comedor.

A “casa” apresentava uma estrutura de enxaimel semelhante à da “cozinha”. Tinha 62,5 m<sup>2</sup> de área e pé-direito de 2,70m. Em planta baixa apresentava a divisão comumente encontrada: uma sala de convivência de 33,75m<sup>2</sup> conexa com dois quartos iguais. As divisões internas eram de tabiques de madeira. No quarto dos fundos há uma íngreme escada que leva ao sótão. Ela tem acesso desde a sala e começa em leque para se tornar reta. Esta “casa” apresenta uma característica pouco comum na “colônia Velha” que é um telhado em quatro águas. De início pareceu que esta seria consequência de influências lusas mas o levantamento demonstrou que a estrutura seguia as regras da tradição alemã. Sua cobertura é de folha de flandres mas, originalmente havia sido de tabuinhas (*Schindeln*). O telhado apresenta duas janelas que, todavia, não são originais. Elas foram abertas quando o sótão foi transformado em quartos para as filhas do casal. Isto também é uma originalidade porque, via de regra, quem dorme no sótão são os filhos homens.

Com o deslocamento da cozinha e a consequente criação de uma cobertura entre os dois prédios, processou-se uma modificação no uso da residência. A área passou a abrigar a função lavatório. Sobre um banco fechado estão as bacias usadas para lavar o rosto e as mãos. Num armário estão guardados os apetrechos para a higiene pessoal e na parte fechada do banco é guardada a gamela que serve para lavar os pés.

## Conclusões

A constância com que foram encontradas as “casas” que se caracterizavam por apresentarem uma “sala de convivência” contíguas a dois quartos, levou-nos ao entendimento - quando publicamos a *Arquitetura da Imigração Alemã* - de que esta seria a solução mais comum encontrada na arquitetura renana. A aquisição de bibliografia de difícil acesso por via dos modernos meios de cópia ou reedição de livros esgotados demonstrou que esta tese não tinha qualquer fundamento. Muito embora possam ser encontradas casa com dois quartos contíguos na arquitetura da Renânia, esta solução é pouco freqüente. A solução de colocar dois quartos contíguos dando diretamente para uma sala não foi encontrada na arquitetura renana. Isto significa que a solução comum entre as “casas” Wüst, Konrad, Gress, Schoffen e Rech - que foram tomados como paradigma de grande número de “casas” que foram visitadas durante nossas investigação de campo - se constituíam na exceção e não na regra da arquitetura renana. E exatamente pelo contrário, pode ser verificado que a “casa” Schuck que, inicialmente, havia sido tomada como a mais original exatamente por fugir deste esquema, se constitui na mais fiel permanência dos partidos gerais encontrados na Renânia. E ela, portanto, se constituiu - exatamente, ao contrário do que imaginávamos - na forma mais alemã e menos adaptada ao novo meio. Mais do que isto, a existência de um amplo porão sobre a “casa” dos Schuck enfatiza a fidelidade ao partido alemão, fato este que também pode ser verificado em aspectos construtivos do prédio e que não foram objeto de análise no presente trabalho.

É surpreendente que a forma de agenciamento dos espaços internos destas “casas” tenha sido a forma mais recorrente da arquitetura vestfaliana, corrente que imigrou em tempos mais recentes e em quantidades bem menos significativas. Seria, portanto, temerária a hipótese de que tivesse havido uma influência da arquitetura vestfaliana sobre a renana. A razão da aceitação quase que unânime deste tipo de arranjo deve estar mais ligado a reflexões de ordem funcional porque esta era a forma que apresentava a maior utilização dos espaços internos sem recorrência a espaços que tinham perdido a sua funcionalidade no clima subtropical. Referimos aqui especialmente aos corredores de acesso que se justificavam na Europa por se constituir em um espaço de transição entre o

exterior frio e o interior aquecido, na mesma medida em que servia de guarda para as grossas vestes usadas fora de casa. A supressão deste corredor, obviamente, teria de desequilibrar os arranjos comumente utilizados.

Se o arranjo interno das “casas” induz a que os objetivos destas construções fosse a procura da maximização de utilização do espaço interno com os menores investimentos - o que não se constituiu em novidade na lógica construtiva tanto aqui como na Alemanha - percebe-se que este mesmo raciocínio acompanhava o agenciamento das demais funções residenciais. Talvez possa parecer contraditório, nesta perspectiva, o fato de terem dividido a moradia em dois prédios: a “casa” separada da “cozinha”. Embora existam outras razões que possam explicar esta dicotomia<sup>17</sup>, a alegação comumente apresentada de que a separação teria se gerado por reflexões de ordem de segurança contra o fogo (se a “cozinha” queimasse, a “casa” ficaria preservada), na verdade ela correspondeu a antigos temores trazidos da Europa onde esta separação era impossível por imposição do clima, e, mais do que isto, se harmonizada com os procedimentos ergológicos utilizados pelos agricultores. Em realidade, sua vida diurna se passavam na “cozinha” - a parte “suja” da residência - e a noturna, na “casa” para a qual os ocupantes só se dirigiam depois de terem realizado a higiene pessoal e de se terem lavado depois das lides com a terra.

Esta explicação contempla o fato de terem separado a “casa” da “cozinha” mas não o fato de terem, passados os tempos de maiores dificuldades, voltado a aproximar as duas construções entre si, tendo em mente que não houve modificações ergológicas nas atividades desenvolvidas. O fato de que, dentro do universo selecionado como representativo de um universo bem mais amplo, havíamos selecionado duas unidades residenciais em que a preparação dos alimentos era realizado dentro da “casa” mostra que as formas germânicas de morar não tinham sido esquecidas. O fato de não termos encontrado qualquer exemplar de fogão a fogo aberto - embora as referências seja bastante comuns - mostram que os mesmos foram abolidos logo que surgiu uma alternativa. Esta foi a dos fogões de alvenaria com chapa de ferro e argolas removíveis e que ainda podiam ser encontrados com relativa facilidade à época em que foram feitos os levantamentos de campo. Admitimos que foi exatamente esta forma de fogão que debelou o temor do

<sup>17</sup> Em nosso livro procuramos uma explicação desta dicotomia na tentativa de reconstrução da aldeia ancestral no lote unifamiliar.

incêndio que atormentava os colonos desde a mais remota antiguidade na Europa. Esta fase correspondeu à aproximação da “cozinha” da “casa”, conforme pode ser visto nas residências Konrad e Rech.

Em época ainda mais recente, correspondendo aos primeiros tempos da República, surgiu uma alternativa ainda mais eficiente nos fogões de ferro esmaltados. Com alguns cuidados adicionais como a colocação de uma chapa zincada sobre o tabuado do piso junto ao fogão, tornava a cocção totalmente segura o que propiciou a definitiva anexação da “cozinha” à “casa”, como pode ser visto nas residências Gress e Schoffen. Dizemos *anexação* e não *integração* porque a “cozinha” continuou a manter sua individualidade seja pelo tratamento plástico diferenciado (preferencialmente, através da cobertura concebida como uma extensão de uma das águas do telhado, porém, com inclinação mais atenuada), pelo rebaixamento do piso ou, principalmente, pelo pé-direito mais baixo. A forma anterior continuou a ser preservada na medida em que foram mantidas as duas áreas destinadas à cocção e ao comedor.

Na questão desta *anexação* puderam ser observados dois procedimentos diferentes. Por vezes a “cozinha” original foi demolida e a nova surgiu como uma extensão da “casa” anteriormente existente quando então era freqüente que se aproveitasse a ocasião para incluir uma despensa ou um quarto para os rapazes como pode ser visto na residência Gress. Outra forma era conceber a “cozinha” como uma complementação da “casa” mesmo que construídas concomitantemente, como pode ser visto na residência Schoffen.

Para finalizar, julga-se importante assinalar que, por questões de estrutura social peculiar aos francos, a sucessiva divisão das terras na Alemanha fez com que a arquitetura renana fosse a menos desenvolvida dentre as principais correntes imigrantistas provenientes dos diversos países que viriam a formar a atual Alemanha. Talvez fossem estas necessidades que levassem a que estes mesmos construtores fossem os mais criativos seja no sentido plástico como construtivo. Esta característica constantemente referida pelos autores alemães, também pode ser observada no Brasil. Enquanto os pomeranos e vestfalianos apresentam soluções arquitetônicas bastante semelhantes, os renanos se caracterizam pela variabilidade das soluções utilizadas seja no agenciamento dos sítios, na forma dos telhados, nas estruturas do enxaimel ou na forma e técnica empregadas na construção das divisões internas.